



O MUSICAL 'ESPELHO MÁGICO' CONTA A HISTÓRIA DA TV GLOBO EM SEUS 60 ANOS

Tem plim-plim **no palco**

Marcos Veras e Eliane Gardini revisitam **60 anos de TV Globo** em 'Espelho Mágico', uma revista musical que **traz ao palco personagens de novelas, canções que marcaram época** e a história da **teledramaturgia brasileira**. Página 2

A nostalgia pede passagem

Marcos Veras e Eliane Giardini lideram elenco de musical com 32 atores que revisitam à moda do Teatro de Revista personagens icônicos da Globo



Divulgação

AFFONSO NUNES

Stanislaw Ponte Preta, o grande cronista, certa vez definiu a televisão como uma “máquina de fazer doido”. Quando o diretor Gustavo Gasparani recebeu a missão de transformar seis décadas de história da TV Globo em um musical, enfrentou o mesmo dilema que seu personagem principal. Alfredo, vivido por Marcos Veras, é um autor que se vê diante de um volume monumental de temas, programas e momentos que definiram a vida cultural brasileira desde 1965. A solução? Pedir ajuda à Nossa Senhora das Oito — o apelido respeitoso dado à novelista Janete Clair, interpretada por Eliane Giardini em uma performance que traz à cena a mulher que revolucionou a teledramaturgia do país.

Este é “Espelho Mágico”, espetáculo que desembarca nos palcos cariocas após temporada bem-sucedida em São Paulo, onde estreou em março no Teatro BTG Pactual. Orçada em R\$ 11 milhões, esta superprodução traz um elenco de 32 atores selecionados por audições.

Mas o dilema que atormenta Alfredo não deixou de acossar Marcos Veras. “Foram ensaios muito inten-



O musical ‘Espelho Mágico’ conta a história da TV Globo em seus 60 anos evocando as figuras de Xuxa e personagens marcantes como a turma do ‘Sítio Pica-pau Amarelo’, O vidente Herculano Quintanilha, de ‘O Astro’ e o Capitão Gay, imortalizado por Jô Soares, entre outros



tos, praticamente três meses... Acho que foi o processo mais longo que eu tive no teatro eu acho que eu nunca ensaiei tanto tempo uma peça”, conta o ator ao Correio. “Por mais que o texto tenha sido escrito pelo Gustavo Gasparani a construção dele foi feita também pelos atores pelo processo criativo então muita coisa que tava no texto saiu outras entraram é outras a gente entendeu que tava demais outras a gente sentiu falta e colocou improvisos cacos que viraram textos oficiais então contemplar 60 anos de história num espetáculo de 2h20 é um super desafio então teve momentos que o ator Marcos Veras também deu uma travada como é que eu narro essa história”, completa.

Para Veras, o fato da montagem se desenrolar como no antigo teatro de revista foi uma solução para alguns problemas em amarrar tanta história num espetáculo de pouco mais de duas horas. “Em muita coisa a gente também abriu mão de do realismo e foi pra um lugar lúdico que é a televisão. A televisão tem jornalismo, mas tem a novela. Tem o humor, tem drama. Então o Alfredo costura essa história toda do início ao fim, mas há momentos em ele pira e tem momentos que ele está perdidamente apaixonado pela mocinha”, avisa, revelando que essa alternância em cena foi um dos mo-

tivos que atraiu para o musical.

A trama se desenrola como uma jornada em que Alfredo e Janete encontram personagens que marcarão gerações. Emília e o Visconde de Sabugosa, de “Sítio do Pica-pau Amarelo”; Odorico Paraguaçu, de “O Bem Amado”; Sinhozinho Malta, de “Roque Santeiro”; “Tietá”; a família de “A Grande Família”; Dona Armênia, de “Rainha da Sucata”; Dona Jura, de “O Clone”; Bebel, de “Paríso Tropical”; Ribamar, de “Sai de Baixo”; Tancinha, de “Sassaricando”; Carlão, de “Pecado Capital”; e Carminha, de “Avenida Brasil” são alguns desses personagens marcantes. Além desses, surgem em cena personalidades como Xuxa, Pedro Bial, Chacrinha e Roberto Carlos — figuras que fazem parte da memória afetiva dos telespectadores por gerações.

E se as novelas contam boa parte dessa história não se poderia deixar Janete Clair de fora. Contratada pela Globo em 1967 para reestruturar a novela “Anastácia, a Mulher sem Destino”, ela promoveu uma transformação radical na teledramaturgia ao eliminar mais de 100 personagens e simplificar a narrativa, criando um modelo que se tornaria padrão. Suas novelas iam além do mero entretenimento: refletiam comportamentos, questionavam valores e ajudavam a apresentar o Brasil aos brasileiros. “Pecado Capital”, por exemplo, discutiu temas como ética, corrupção e honestidade em horário nobre.

A trilha sonora de “Espelho Mágico” soma quase quarenta números musicais com canções que marcaram época. “Brasil”, de Cazuza, que abriu “Vale Tudo” em 1988 e retornou no remake do folhetim exibido no ano passado; “Me Chama Que eu Vou” (Rainha da Sucata), “Dancin Days”, “Per Amore” (Por Amor), “Irmãos Coragem”, “Pavão Misterioso” (Saramandaia), além de clássicos de Xuxa (“Ilariê” “Lua de Cristal”) e Roberto Carlos (“Emoções”). Cada canção espelha momentos específicos da história brasileira — a redemocratização, a ascensão da classe média, transformações de costumes, crises políticas e econômicas que encontraram ressonância nas narrativas televisivas.

O musical adota a linguagem do Teatro de Revista, gênero que floresceu no Brasil no início do século XX e que se caracteriza pela mistura de humor, sátira, números musicais e referências ao momento presente. Essa escolha não é meramente estética: o Teatro de Revista sempre funcionou como espelho da sociedade, comentando a atualidade através da paródia e da irreverência.

SERVIÇO

ESPELHO MÁGICO — O MUSICAL

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38 — Centro)
Até 26/7, quintas e sextas (20h),
sábados (16h e 20h) e domingos
(15h) | Entre R\$ 50 e R\$ 180



Os limites de cada um

‘Diabólica Vingança’, em cartaz no Futuros, reúne duas histórias nunca encenadas de Nelson Rodrigues

Dois contos de Nelson Rodrigues que permaneceram nas gavetas do pai da moderna dramaturgia brasileira finalmente chegaram aos palcos. “Diabólica Vingança”, espetáculo com direção de Renato Carrera, apresenta “A Mão Esquerda” e

“Vingança” — textos nunca antes encenados — em uma montagem que coloca lado a lado as obsessões amorosas e os impulsos destrutivos que marcam a obra do dramaturgo. A peça está em cartaz no Futuros — Arte e Tecnologia, no Flamengo, até domingo (24).

Carrera conta que, durante uma oficina sobre construção de personagens rodrigueanos ministrada por ele, acabou conhecendo Cris Rodrigues, neta do escritor. Quando perguntou se havia textos inéditos nas gavetas do avô, “Vingança” chegou às suas mãos. O conto “A Mão Esquerda” já era conhecido entre estudiosos da obra, mas também nunca havia sido levado à cena. Como as duas obras compartilham um eixo temático — como o amor e a vingança podem levar uma pessoa ao limite —, o encenador arregaçou as mangas para dar vida ao projeto.

A montagem reúne Andreza Bittencourt, Dani Ornellas e o pró-

prio Carrera no elenco. A estrutura em dois atos apresenta os contos na íntegra, sem alterações nos textos originais. A trilha sonora original é assinada por Adriano Sampaio e as projeções de Daniel de Jesus funcionam aprofundam a atmosfera das narrativas, conduzindo o público pelas zonas mais sombrias do afeto humano, aquele terreno onde amor e ódio se confundem.

Em “A Mão Esquerda”, Lauro é um homem marcado por um segredo físico. Quando encontra o amor e se relaciona com sua namorada, descobre o significado do desprezo. A tensão cresce entre vergonha, desejo e ameaça, culminando em um desfecho macabro. “Vingança” apresenta Dinorá, mulher aprisionada em um casamento sem afeto, que encontra no leito de morte a oportunidade de ferir o marido com uma revelação irreversível. Os dois personagens trazem aquilo que Carrera identifica como uma constante na obra rodrigueana: situações e ti-

A montagem reúne Andreza Bittencourt, Dani Ornellas e Renato Carrera. Os dois contos são encenados na íntegra, sem alterações nos textos originais

“Nelson Rodrigues sempre esteve presente. Ele está dentro do brasileiro, queira ele ou não. Dói, mas é real. As vísceras invadem o falso”

RENATO CARRERA

pos que revelam as contradições do ser humano quando confrontado com os próprios limites.

Para Carrera, a relevância de levar esses contos à cena vai além da curiosidade histórica. “Diabólica vingança” é sua quinta montagem baseada em obra de Nelson Rodrigues — anteriormente, dirigiu ou atuou em “Vestido de Noiva” (Prê-

mio Questão de Crítica de Melhor Espetáculo), “Senhora dos Afogados” (com direção de Ana Kfourri), “A Serpente” e “A Falecida” (ambas no projeto “2 X Nelson”). A insistência em retornar a Nelson tem uma razão. “Nelson Rodrigues sempre esteve presente. Ele está dentro do brasileiro, queira ele ou não. Dói, mas é real. As vísceras invadem o falso”, destaca, acrescentando que a obra do dramaturgo continua oferecendo material para refletir sobre a complexidade das relações humanas contemporâneas, especialmente quando se trata de violência de gênero, desejo, trauma e dinâmicas abusivas”, comenta o encenador.

A peça é uma realização da Bruzun Company — companhia fundada oficialmente em 2024 com a estreia de “Os Bruzundangas”, primeira adaptação para os palcos do livro de Lima Barreto — e da Palavra Z Produções Culturais, com direção de produção de Bruno Mariozz. Antes de chegar ao Rio, “Diabólica Vingança” estreou em Portugal, na Mostra de Teatro Brasil no Chapatô, em 2025.

SERVIÇO

DIABÓLICA VINGANÇA

Teatro Futuros — Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo) Até 24/5, de quinta a domingo (19h) Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Pousando na sopa de Cannes

Sensação na Berlinale, onde venceu o Prêmio do Júri Ecumênico, 'Moscas' voa do México para a Croisette, em projeções paralelas concorridas, consagrando Fernando Eimbcke



Divulgação/MUBI

'Moscas' saiu da Berlinale com o Prêmio do Júri Ecumênico e agora tenta a sorte em Cannes



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Contam-se nos dedos (da História do século XXI) os filmes que Cannes buscou nos festivais que precedem suas atividades, de janeiro a abril, apelando, com alguma fidelidade, para sensações de Sundance, nos EUA. Lá pelos idos das décadas de 1950 e 60, entretanto, era praxe um mesmo filme ser exibido em concurso na Croisette e na Berlinale, mas, hoje, não.

Mas, neste ano em que filmes latino-americanos andam tendo um belo desempenho em mostras paralelas à competição pela Palma de Ouro, vide "El Deshielo" (do Chile) e "The Match", da Argentina, o drama mexicano "Moscas" conseguiu cruzar a linha imaginária de cordialidade que separa os dois eventos, o germânico e o francês, brilhando nos dois. Sua narrativa celebra a afetuosidade em imagens em P&B que serão projetadas no cine Alexandre III nesta segunda e na quinta. Sua seção se chama Cannes Cinéphiles e sua pátria esteve lá faz pouco, em 2023, com "Tótem".

Ao longo de 99 enxutos e co-



Divulgação

'Seis Meses En El Edificio Rosa Con Azul' concorre na Semana da Crítica, numa produção do México com o Brasil e a Dinamarca

moventes minutos, este "Central do Brasil" mexicano, dirigido por Fernando Eimbcke (de "Olmo"), cozinha o melodrama na água fervente do humor e do legado analógico dos nos 1990 para mostrar como a inocência de uma criança pode desarmar muita guerra. Saiu do Festival de Berlinale com o Prêmio do Júri Ecumênico por sua empatia latente.

No roteiro escrito por Vanesa Garnica com o cineasta, a solitária Olga (Teresita Sánchez) leva uma rotina avessa a afetos até se ver obrigada a alugar um quarto em casa para conseguir dinheiro para uma intervenção cirúrgica aos pés. Um homem (Hugo Ramírez) se candidata à vaga, sem lhe contar que tem um filho pe-

quenino, Cristian (Bastian Escobar). A mãe do menino está hospitalizada, a lutar contra uma doença terminal. Em determinado momento, Olga terá de tomar conta do guri, o que a retira da sua zona de conforto e conduz o público a situações onde o humor surge com naturalidade, com ecos de "Chaves", mas à moda do neorealismo de Vittorio De Sica ("Ladrões de Bicicleta").

"Oscar Wilde dizia: 'Onde há dor, há um lugar sagrado'. As pessoas deste meu filme se juntam por motivos que doem, mas exis-

te luz nessa história", disse Eimbcke ao Correio da Manhã.

Walter Salles e seu "Central foram uma inspiração direta do realizador - ao lado de "O Garoto", rodado por Charles Chaplin em 1921 -, ganhou o Urso de Ouro em 1998, deflagrando a chamada Nova Onda Latino-Americana, que fez o cinema (o nosso e o) de nuestros hermanos empregar um conjunto de procedimentos documentais para narrar, na ficção, urgências de seus territórios. A consequência dessa marola foram sucessos como "Amores Brutos", "Cidade de Deus", "O Outro Lado da Lei" e "Temporada de Patos", rodado por Eimbcke lá em 2004.

"Filmamos 'Moscas' como se

fosse um documentário pois eu queria a energia vital das ruas no filme, sem ter que parar o trânsito para isso, cuidando apenas de avisar as pessoas de que havia um filme sendo feito e consultando-as sobre autorização do uso de imagem para o caso de elas aparecerem", disse Eimbcke, que extrai uma interpretação tocante de Bastian.

Ao ser laureado em Berlim, o cineasta cravou: "O grande realizador Jean-Luc Godard dizia que o ponto central do cinema não é fazer filme político é fazer filmes politicamente. Outro mestre, Charles Chaplin, dizia que cinema não é lugar para passar mensagem, pois as mensagens devem ser passadas em plenárias. Neste palco, eu passo uma mensagem: 17.000 crianças morreram em Gaza. Clamo para que as pessoas percebam isso, pois esse filme é dedicado a toda às crianças do mundo", disse Eimbcke, que ganhou ainda um prêmio da massa leitora do Berliner Morgenpost.

Nesta terça-feira, outra mostra paralela de Cannes, a Semana da Crítica, acolhe um longa mexicano, só que feito com o Brasil (por meio da produtora chamada Desvia) e a Dinamarca: "Seis Meses no Prédio Rosa e Azul", de Bruno Santamaría Razo. Inspirado nas memórias do diretor e rodado em 16mm, o filme nos leva para a Cidade do México no início da década de 1990. No dia em que completou 11 anos, Bruno percebeu ter sentimentos por seu melhor amigo, Vladimir. Os dois entram em conflito com o anúncio repentino de que seu pai foi diagnosticado com HIV. Como nas canções de salsa, a família canta e dança para se afastar da dor. Trinta anos depois, o diretor Bruno filma e reimagina a memória do que não conseguiu compreender totalmente quando era criança. A participação brasileira na mesma narrativa inclui o trabalho das produtoras Rachel Daisy Ellis e Camille Reis; uma participação do ator cearense Demick Lopes; e a intervenção artística dos montadores Marília Moraes e Eduardo Serrano, da desenhadora de som Miriam Bideram, do compositor Leo Chermont, do estúdio de efeitos especiais Aberração Cromática Filmes, da produtora executiva Amanda Luna, e das pós-produções Bia Baggio e Ivich.

Cannes segue até o dia 23 de maio.

ENTREVISTA | CHARLINE BOURGEOIS-TACQUET

CINEASTA E ATRIZ



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

‘Todo mundo, metaforicamente, é só’

Em meio a uma corrida jornada profissional de estrela em ascensão, com participações pequenas, mas potentes em filmes de grifes autorais, Charline Bourgeois-Tacquet fez 40 anos em janeiro e, poucos meses depois, foi brindada com o convite que pode dar um novo rumo à sua arte: disputar a Palma de Ouro de Cannes. Desde a experiência criativa por trás das câmeras no belo curta-metragem “Joujou” (2015), ela tem apostado mais na direção. Essa aposta alcança um outro vulto quando seu longa-metragem mais recente, “La Vie d’Une Femme”, torna-se um dos 22 concorrentes aos troféus de Cannes.

Sua doída narrativa, pontuada de sensualidade, passou pelo Palais des Festivals no dia 13 e arrebatou a crítica pelo desempenho da atriz Léa Drucker. Ela vive a cirurgiã Gabrielle, uma médica de guerrilha num hospital público que vê suas certezas mudarem ao conhecer uma escritora (Mélanie Thierry) que quer mergulhar em seu mundo.

Na entrevista a seguir, o Correio colhe de Charline Bourgeois-Tacquet olhares sobre a construção de um filme talhado para quebrar caricaturas no ensejo de uma representação social mais contemporânea... e avessa a sexismos.

Existe uma variedade das mais fartas de séries de TV e de streaming sobre o universo médico e a rotina hospitalar. Como buscar na realidade caminhos para retratar o dia a dia de profissionais de saúde aob uma mirada nova?

Charline Bourgeois-Tacquet - Nós fizemos um estágio de cerca de 12 semanas em um hospital público de Paris, onde às vezes só há 30 segundos de distância entre um atendimento e o outro. Nessa pesquisa, eu conheci um universo agitado, de vida pulsante, onde tudo envolve o bem-estar.

Sua dramaturgia em “La Vie D’Une Femme” se volta para uma mulher de 50 anos, com empatia e muita escuta, em busca de inquietações raramente abordadas no cinema.



Divulgação

O que traz esse recorte geracional para as suas investigações sobre o feminino?

Meu eixo foi a necessidade de falar de uma mulher que não aceitou limitar sua vida a demandas da vida familiar. Seu trabalho

vem em primeiro lugar e ela é feliz com sua escolha. Eu queria falar de alguém que não se arrepende de suas escolhas.

O cult “Jeanne Dielman”, de 1975, dirigido pela belga Chantal Ackerman

(1960-2015), vem forte à cabeça quando começa seu “La Vie d’Une Femme”, por abordar uma rotina feminina em suas mais simples situações. Houve uma inspiração explícita?

“Meu eixo foi a necessidade de falar de uma mulher que não aceitou limitar sua vida a demandas da vida familiar. Seu trabalho vem em primeiro lugar e ela é feliz com sua escolha”

CHARLINE BOURGEOIS-TACQUET

Esse é um dos meus filmes preferidos, mas não vejo uma relação especular entre sua Jeanne Dielman e Gabrielle. São similares os dois filmes na opção pelo retrato de uma vida.

Onde é que a solidão faz parte da sua trama?

Gabrielle vive cercada de gente: colegas, marido, enteados, a mãe e Frida, a personagem de Mélanie Thierry, que aparece para levantar questões. Entre essas questões está o fato de ela ter momentos solitários como todos nós temos. Todo mundo, metaforicamente, é só.

De que maneira os ambientes por onde Gabrielle circula podem ser considerados como “personagens”, em sua jornada sentimental?

Ela é fechada em seu universo laboral, mas, de alguma forma, os espaços onde passamos a maior parte de nosso tempo refletem o que somos. A questão é dar a eles o close-up mais adequado. Nesse aspecto, eu e Noé Bach, que assinam a direção de fotografia, escolhemos juntos com a diretora de arte Pascale Consigny a luz ideal a cada ambiente.

AFFONSO NUNES

Mosquito, um dos sambistas mais talentosos da nova geração, vai estreiar como ator. Ele foi o escolhido para dar vida a Zeca Pagodinho na cinebiografia do artista. As primeiras cenas de “Deixa a Vida Me Levar” foram gravadas no início do mês em locações no Rio Comprido e na Serrinha, dois territórios históricos do samba carioca que marcaram a trajetória de Zeca, um dos sambistas mais queridas do Brasil.

“Deixa a Vida Me Levar” contará os principais momentos da vida do menino Jessé Gomes da Silva Filho que, mais tarde, ganharia o nome artístico de Zeca Pagodinho. O roteiro é resultado de ampla pesquisa, onde as pessoas mais importantes da vida de Zeca contam histórias desconhecidas e inusitadas que aconteceram na infância, na adolescência e no início da carreira musical dele.

O filme, dirigido por Silvio Guindane — responsável por “Mussum, O Filmi”, que venceu sete prêmios no Festival de Cinema de Gramado em 2023 —, acompanha a vida de Zeca desde a origem humilde em Xerém. A trama se baseia no livro “Zeca: Deixa o Samba Me Levar”, escri-

Deixa o filme me levar

Começam no Rio as filmagens da cinebiografia de Zeca Pagodinho, que terá o sambista Mosquito como protagonista



Divulgação

Além de ser sambista, Mosquito guarda semelhança física com Zeca quando jovem

to por Jane Barbosa e Leonardo Bruno, e percorre as rodas de samba, as amizades e o improviso

que definiram sua carreira até a consolidação como um dos artistas mais bem sucedidos da MPB

Mosquito, cujo nome verdadeiro é Pedro Assad Medeiros Torres, começou a cantar aos 17

anos e construiu trajetória ligada ao samba. Trabalhou com Arlindo Cruz, Dudu Nobre, Xande de Pilares e Jorge Aragão, além de ter dividido música com o próprio Zeca no álbum de estreia “Ô Sorte”. E além de ser um sambista nato, muitos o comparam ao Zeca do início de carreira por conta de seu porte físico.

Outro sambista da nova geração, Arlindinho, também está no elenco da produção. Vai dar vida a seu pai, Arlindo Cruz, figura central na vida e obra de Zeca. O roteiro é assinado por Roberto Faustino, que também atua como coprodutor, em parceria com Marco Altberg, fundador e CEO da Indiana Produções. A produção também confirmou Stephanie Serrat no elenco. A atriz dará vida a Beth Carvalho, que lançou Zeca para o estrelato ao ser a primeira cantora a gravar suas canções e ainda incentivá-lo a seguir carreira como cantor. Zeca foi um dos muitos afilhados da Madrinha do Samba. “Deixa a Vida Me Levar” ainda não tem data de estreia, mas já se pode prever que será um blockbuster do cinema nacional.

Outros nomes confirmados no elenco são os de Talita Younan, Ailton Graça, Ângelo Antônio, Aline Borges, Dani Ornellas, Caíto Mainier, Jackson Antunes, Ângelo Paes Leme, Flavia Santana, Xando Graça, Antônio Pitanga, Roney Villela e Fernanda Fuchs.

CRÍTICA FILME | PERTO DO SOL É MAIS CLARO

LUIZ CARLOS LACERDA* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

A terceira idade mostrada com o devido respeito

O cinema brasileiro pouco se dedicou à essa temática do universo da pessoa idosa. “Em Família” (1971), Paulo Porto - que atua e assina a direção - e a veterana Iracema de Alencar desenvolvem o trágico jogo de empurra de filhos do velho casal e a sempre perspectiva do asilo. Prêmio no Festival de Cinema de Moscou, sensibilizou plateias com alta carga de melancolia e tristeza.

“Chuvas de Verão” (1978), de Carlos Diegues - entre outros núcleos dramaturgicos - acena para a possibilidade do Amor na terceira idade - com o pioneirismo característico do diretor, especialmente na delicadeza da cena entre os atores Miriam Pires & Joffre Soares, consolidando o Eros que habita em nós eternamente. Destaque para o pioneirismo do filme, anterior ao estadunidense “As Pontes de Madison”, de Clint Eastwood, lançado em 1995.

Pois agora o diretor Regis Faria realiza “Perto do Sol é Mais Claro”, filme que acompanha o cotidiano de um idoso, inadaptado ao mundo digitalizado desse cada vez mais robótico século XXI, cuja dificuldade alimenta o preconceito dos que - à forceps - pretendem iniciar um



Divulgação

Em estado de graça, Reginaldo Faria vive um idoso com inadaptado ao mundo globalizado e robótico

homem de 85 anos que insiste em utilizar sua jurássica máquina de escrever para dedilhar um romance de

alta qualidade literária - atestado de sua capacidade intelectual e criativa. A rejeição no trabalho; a insis-

tente preocupação dos filhos com a sugestão de sempre (residência geriátrica coletiva) e a solidão empírica do personagem, no entanto, é construída com um senso de humor que não deixa esse tema comumente dramático dar espaço para o baixo-astral.

Assim como o idoso interpretado por um de nossos maiores atores - que é o eclético Reginaldo Faria, o filme caminha com firmeza na construção da esperança para quem ainda faz questão de viver “a beleza que é ser um eterno aprendiz”.

E a presença solar da atriz Vanessa Gerbelli ilumina qualquer ameaça de sombra nessa película P&B (aliás, uma acertada opção estética). Com a competente colorização de Bernardo Mendonça que constroi uma atmosfera entre film noir introspectivo e a ambiência de toda a Nouvelle Vague.

O filme, produzido em plena pandemia, e por uma equipe que reúne principalmente a família do diretor (filho do protagonista) é uma prova da capacidade que o nosso longo cinema brasileiro possui de realizar, mesmo em meio a tempestades, um belíssimo e comovente filme. Imperdível! *Cineasta e poeta

AFFONSO NUNES

Projeção que mescla música de concerto com repertório pop, a Nova Orquestra chega ao Theatro Municipal nesta segunda-feira (18) para um concerto dedicado aos sucessos de Bruno Mars. Com mais de 30 músicos em cena — cordas, sopros e banda pop —, a apresentação promete transformar hits como “Uptown Funk”, “Just the Way You Are”, “24K Magic” e “Talking to the Moon” em versões orquestrais. Nada mais justo até porque o astro estadunidense, apelidado por aqui de Bruninho, é praticamente um brasileiro de carteirinha.

Criada em 2019, a Nova Orquestra se consolidou como um dos projetos mais ativos da cena musical brasileira. Em pouco mais de cinco anos, realizou mais de 100 concertos, se apresentou em todas as regiões do país e participou de festivais como Rock in Rio e The Town. A orquestra é conhecida por ser a primeira 100% pop do Brasil, focando em repertórios inéditos e criativos que aproximam a música de concerto do público geral.

A turnê dedicada a Bruno Mars começou no Espírito Santo, passando por Belo Horizonte e Nova Lima (MG) antes de chegar ao Rio. É a primeira apresentação da orquestra no Municipal, um dos palcos mais tradicionais do Brasil. A regência fica a cargo da maestrina Ludhymila Bruzzi, professora de clarineta no programa Vale Música — iniciativa da Vale dedicada à formação musical e ao desenvolvimento de jovens talentos em diferentes regiões do país.



A Nova Orquestra é o primeiro grupo de concerto inteiramente dedicado ao repertório popular

Um concerto para o Bruninho

Nova Orquestra apresenta nesta segunda no Theatro Municipal versões orquestrais para os grandes sucessos do astro pop Bruno Mars

Ludhymila já integrou grupos importantes do cenário musical capixaba, como a Filarmônica de Mulheres do Espírito Santo e o Quinteto de Sopros Ellás. Com a Nova Orquestra, conduziu o con-

certo no The Town, em 2023.

“O repertório de Bruno Mars — que mistura pop, funk, soul e R&B — oferece espaço para arranjos orquestrais criativos”, destaca Ludhymila. A proposta da Nova Orquestra é justamente explorar essas camadas sonoras, criando uma experiência que une a potência da música de concerto com a energia do pop de um astro adorado pelo público brasileiro.

SERVIÇO

NOVA ORQUESTRA
Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Centro)
18/5, às 19h
Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Rafael Boccanera/Divulgação



Em colaboração

Muca e Roberto Menescal lançam “Midnight Lullaby”, segundo single do álbum colaborativo “Beleza”. A faixa, com participação da britânico-brasileira Liana Flores, une bossa nova sutil com arranjos de cordas. Com este projeto o cantor, compositor e produtor musical Muca reconecta-se com suas raízes brasileiras após 16 anos radicado no Reino Unido. Com 5,2 milhões de ouvintes mensais na palataformas digitais, Liana Flores aproxima-se pela primeira vez da bossa nova de forma explícita.

Divulgação



Mensagem ancestral

Dudu Nobre acaba de lançar a faixa “Mensageiro dos Orixás”, um samba em parceria com o jovem compositor Thiago De Xangô e com participação especial do grupo Quintal Da Magia. A composição explora a espiritualidade das tradições afro-brasileiras, exaltando Exu como divindade incompreendida e comunicador entre homens e deuses. Produção de Dudu Nobre e Gege D’Angola, a faixa rompe preconceitos e reafirma a importância das religiões de matriz africana. A letra é marcada por referências ao universo afro e ao afoxé.

Guto Silva/Divulgação



Hardcore à brasileira

Bayside Kings lança “A Lei do Retorno”, primeiro single de 2026 e que antecipa o novo álbum da banda de hardcore de Santos, formada em 2010. O grupo migrou composições do inglês para o português após a pandemia, expandindo seu público. O novo single, gravado com Milton Aguiar (voz), Teteu (guitarra), Manolo (baixo) e David Gonzalez (bateria), incorpora elementos urbanos com participação do DJ Terrorscreen, mesclando scratches e referências hip-hop à intensidade do hardcore.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

O que aconteceu?

Houve um tempo em que o Rio de Janeiro conversava mais baixo. Não porque fosse uma cidade silenciosa — o Rio jamais soube ser silencioso —, mas porque existia uma espécie de delicadeza dispersa no cotidiano. Um “bom dia” atravessava a padaria sem constrangimento, alguém segurava a porta do elevador sem olhar para o relógio, passageiros ainda trocavam gentilezas nos ônibus antes que o calor e a pressa decretassem guerra entre desconhecidos.

Depois da pandemia, porém, parece que alguma coisa se perdeu no caminho de volta.

Não foi apenas o hábito das máscaras ou o álcool em gel esquecido no fundo das bolsas. O que desapareceu, aos poucos, foi uma certa tolerância humana, uma capacidade mínima de respirar antes da explosão. Como se o isolamento tivesse deixado rachaduras invisíveis dentro das pessoas — e agora qualquer esbarrão, qualquer demora, qualquer opinião diferente bastasse para abrir fendas maiores.

Hoje, caminhar pela cidade virou também um exercício de cautela emocional. Os motoristas buzina com raiva antes mesmo do sinal abrir. Clientes tratam garçons como inimigos pessoais. Gente responde mensagens com agressividade automática, como se estivesse sempre discutindo uma guerra particular. Nas filas, ninguém espera; disputa-se território. Nos supermercados, nos condomínios, nos aeroportos, nas redes sociais, instalou-se uma irritação coletiva que parece viver à flor da pele.

E o mais curioso é que quase todos se dizem cansados.

Talvez estejam. Talvez tenham voltado da pandemia mais sobreviventes do que propriamente vivos. Cada um carregando perdas que não couberam em fotografias: empregos, amores, parentes, tranquilidade, equilíbrio. A cidade reabriu, os bares lotaram, o trânsito voltou, mas alguma parte da alma permaneceu trancada em quarentena.

O Rio sente isso nas pequenas cenas. O garçom já se aproxima da mesa preparado para o confronto. O porteiro evita conversa longa. O caixa do mercado mal levanta os olhos. As pessoas parecem ter desaprendido o convívio, como se o outro tivesse deixado de ser companhia para virar obstáculo.

Há dias em que a cidade inteira parece andar armada — não de revólveres, embora também os haja em excesso —, mas de impaciência. Uma armadura invisível feita de pressa, medo e exaustão.

Ainda assim, de vez em quando, surgem brechas.

Outro dia vi uma senhora cair na calçada de Copacabana. Antes que o pior pensamento sobre a indiferença contemporânea se confirmasse, quatro pessoas correram para ajudá-la. Um rapaz trouxe água, uma moça segurou sua bolsa, um taxista interrompeu a corrida para oferecer apoio. Durante alguns minutos, aquela velha civilidade carioca reapareceu, tímida, mas viva.

Talvez ela nunca tenha ido embora por completo.

Talvez esteja apenas soterrada sob os escombros emocionais desses últimos anos. Porque a pandemia não terminou quando retiraram as máscaras; ela continuou dentro das pessoas, alterando humores, afetos, paciências. Criou uma geração de sobreviventes acelerados, tentando recuperar o tempo perdido sem perceber que, no caminho, perderam também a delicadeza.

O Rio continua lindo, como insistem os cartões-postais. O mar continua azul, o pôr do sol segue arrancando aplausos em Ipanema. Mas basta observar um pouco mais para perceber que a cidade anda cansada de si mesma. E gente cansada, quase sempre, responde ao mundo com dureza.

Ainda acredito, porém, que as cidades aprendem com os próprios traumas. Talvez demore. Talvez seja preciso reaprender gestos simples, reconstruir lentamente a educação cotidiana, recuperar o valor das pequenas gentilezas. Porque nenhuma metrópole sobrevive apenas de concreto, praias e paisagens. Uma cidade também é feita da maneira como seus habitantes se olham.

E, ultimamente, temos nos olhado pouco — e mal.

